

Natã precisa de Davi

Na esperança da igreja profética

Milton Schwantes

Conferência inaugural na Faculdade de Teologia da IECLB, proferida a 11 de outubro de 1978.

Corre por aí a palavra de que a igreja é e precisa ser profética. Essa procura por uma igreja profética, sem dúvida, cresceu na nossa situação. É a inquietude de nosso continente. E, em nosso ambiente, a palavra da igreja profética tem sido, necessariamente, uma palavra crítica, na esperança de que na igreja — desde as diretorias das comunidades até a direção geral — tudo esteja voltado para o povo de Deus, para que o crucificado, e não o poderoso, seja ouvido. Nem de longe, porém, é essa hoje a única maneira, em que se descreve a igreja profética. Essa palavra da igreja profética tornou-se freqüente. E vai sendo usada de várias maneiras. Por exemplo:

Diz-se: igreja profética é a voz de sofrimento de nossa gente — seu grito e seu silêncio. Mas diz-se também: a igreja é profética, quando é porta-voz da miséria que progride tão bem em nosso país. Uma opção não há de eliminar, necessariamente, a outra. Com certeza, porém, não podemos nos esquivar de colocar acentos e prioridades. Nesse ambiente de procura pela igreja profética gostaria de ver colocado este estudo, que nada mais é do que a tentativa de entender alguns textos bíblicos que nos falam de Natã.

Parto de Natã não tanto por ser este um dos primeiros que a Escritura caracteriza de profeta. Natã interessa porque dele se fez como que um herói, um símbolo para a igreja profética. Cada um de nós há de ter em boa recordação aquele Natã heróico que — de dedo em riste diante do poderoso Davi — acusa o rei: "Tu és o homem!"(1). No entanto, Natã seria realmente um tal herói?

1) Cf. G.Lohfink, *Agora Entendo a Bíblia. Para Você Entender a Crítica das Formas*. (1978), pág. 68s.

Interessou-me esse Natã. Procurei-o nos textos bíblicos. Especialmente importantes são três: II Sm 7; II Sm 12 e I Rs 1. E interpretei assim:

I

Julguei ser oportuno iniciar pelas últimas notícias que temos de Natã, em I Rs 1.

Encontramo-nos no ambiente de intrigas palacianas, lá pelo ano 965 a.C., em Jerusalém. O rei Davi com seus 70 anos (II Sm 5,4) estava velho e preso à cama. Quem seria seu sucessor? Adonias, na época o filho mais velho de Davi, reclamou o trono para si. Organizou seus partidários. Mas havia os que preferissem Salomão. Adonias ou Salomão! A questão se decidiu num só dia. Foi o dia, em que Adonias reuniu seus adeptos – Joabe, Abiatar, seus irmãos e homens de Judá –, para oferecer sacrifícios na Fonte Rogel, perto de Jerusalém. Seus adversários aproveitaram a oportunidade. Zadoque, Benaia, Natã e os soldados pressionaram a Davi. E o velho rei mandou ungir Salomão, na Fonte Giom. Portanto, na ocasião, em que Adonias organizava seus partidários e articulava sua pretensão ao trono de Davi, Salomão é constituído sucessor. Adonias e os seus entram em pânico.

Especialmente esta parte da história da sucessão é uma obra de arte(2). Nela alguns personagens são caracterizados com muito esmero. Um deles é Natã, o profeta. Quem é Natã, naquele dia, em que se decide a sucessão no reinado de Davi?

Ora, Natã teria ungido Salomão para ser rei de Israel. Pois, quando Davi dá as ordens para a unção de Salomão, estabelece que seja realizada por Zadoque, o sacerdote, e Natã, o profeta (v. 34). E o mensageiro que leva a Adonias e seus adeptos a notícia, para eles desastrosa, de que Salomão acabava de ser coroado rei, inclusive relata que a unção fora efetuada pelo sacerdote Zadoque e o profeta Natã (v. 45). No entanto, o próprio relato daquela cerimônia descreve somente o sacerdote Zadoque em ação (v. 39). Isso é curioso. Ainda mais que somente aqui um sacerdote unge o rei. No restante do AT isso está reservado ao povo (II Sm 2,4; esse também é o caso em II Sm 11,12!) ou a Deus, através dos profetas (I Rs 19,16) (3). Portanto, o texto bíblico, neste ponto, não é muito claro. Diz que Natã, em companhia de Zadoque, teria ungido Salomão (v. 34.45), mas não o relata (v. 39). Parece que este não era o forte de Natã.

2) Cf. L.Rost, *Die Überlieferung von der Thronnachfolge Davids*, in: *Das Kleine Credo und Andere Studien zum Alten Testament*. (1965), pág. 119ss; G. von Rad, *Der Anfang der Geschichtsschreibung im alten Israel*, in: *Theologische Bücherei* 8 (1965), pág. 148ss; e, agora, E. Würthwein, *Die Erzählung von der Thronfolge Davids – theologische oder politische Geschichtsschreibung?* in: *Theologische Studien* 115 (1974).

3) Cf. E.Kutsch, *Salbung als Rechtsakt im Alten Testament und im Alten Orient*, in: *Beihefte zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 87. (1963), pág. 52ss.

O forte de Natã estava noutro ponto. Quando vê Adonias e seu grupo reunidos, é dele a iniciativa. Natã é o líder dos opositores a Adonias. O profeta procura Bate-Seba, a mãe de Salomão, com estas palavras: "Quero te dar um conselho" (v. 12). Ora, aqui não se trata de uma sugestão, de um palpite de amigo. Natã, com essas palavras, se dá a conhecer como conselheiro da corte real. Deste cargo se fala muitas vezes no Antigo Testamento (I Rs 12, 6ss) (4). Que Natã, de fato, é um dos conselheiros do rei, isso se percebe em mais outro detalhe. Quando o profeta fala com Davi para dele arrancar uma decisão a favor de Salomão, se designa a si de "escravo" (v. 26; no mesmo versículo fala-se também de Salomão como de um escravo!). Evidente, nesse ambiente da corte, "escravo" não é usado no seu sentido verdadeiro. Aí "escravo" é o ministro de estado! Portanto, quando Natã assume a função de conselheiro e diz ser escravo, ele, além de apontar para sua lealdade e fidelidade a Davi (5), se enquadra entre os altos funcionários e ministros (cf. também o v. 27, onde o plural deve ser mais antigo, enquanto que o querê e a LXX representam uma adaptação ao contexto). Também dois filhos de Natã ocuparam, na época de Salomão, cargos de ministro de estado (I Rs 4,5); seguiram a carreira de seu pai.

No entanto, não é suficiente descrever o profeta Natã como conselheiro da corte com influência de ministro de estado. Pois o autor de I Rs 1, que de maneira alguma morria de amores pelo nosso profeta, quis transmitir ainda outra característica muito particular de Natã. Ele nos relata que, naquele dia tão decisivo, Adonias oferecia sacrifícios na Fonte Rogel, acompanhado por seus correligionários. Natã soube aproveitar a hora. Corre a Bate-Seba e sugestiona: Adonias se tornou rei; mas Davi ainda nada sabe; se queres salvar a tua vida e a de teu filho Salomão, então aceita meu conselho; dize a Davi: tu me juraste que Salomão seria teu sucessor; eu mesmo irei confirmar tuas palavras (v. 11-14). Bate-Seba obedece. Essa cena atribui a Natã qualidades nada louváveis. (Outras cenas, cf. vv. 22ss, não o apresentam sob luz muito diferente.) Ora, ele se aproveita do medo de Bate-Seba (cf. também v. 21). Se outro assumisse o trono, ela e seu filho Salomão talvez tivessem sido assassinados, como ocorreu com Adonias (I Rs 2,13ss). Em cima desse medo de mãe, Natã constrói seu plano. Que a intriga está bem planejada, se torna evidente, quando vai confirmar diante do rei (vv. 15ss) as palavras que anteriormente incutira em Bate-Seba. Natã, porém, não só

-
- 4) Cf. H.P.Stähli, *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament* I. (1971), pág. 750; R. de Vaux, *Das Alte Testament und seine Lebensordnungen* I, 2ª ed. (1964), pág. 1965.
- 5) M.Noth, *Könige*, in: *Biblischer Kommentar Altes Testament IX/1*, (1968), pág. 22. No v.33, os "escravos de vosso senhor" talvez sejam a guarda pessoal do rei.

maneira bem a intriga. Também usa a meia-verdade. Pois só da boca dele se fica sabendo que Adonias estava sendo proclamado rei. Adonias, naquele dia, só reunira seus amigos que o apoiavam em sua pretensão ao trono. Só Natã diz que ele estava sendo proclamado rei (no v. 11 observe o perfeito! v. 25). Nosso profeta, no entanto, ainda foi além de intriga e meia-verdade. Tampouco recuou diante da mentira. Arrancou de Davi, velho e doente, um juramento que este talvez nunca tenha feito. Pois é ele que manda Bate-Seba dizer (aí não se fala em lembrar, como muitos interpretam!) que Davi jurara: Salomão será meu sucessor (cf. vv. 13.17.30). Conforme os textos bíblicos este juramento aparece pela primeira vez na boca do profeta. Portanto, o autor de I Rs 1 apresenta o conselheiro Natã como intriguista(6), que não poupou a mentira para garantir o trono a Salomão. Ele foi o líder intelectual do golpe de estado daquele dia. Entretanto, o golpe daquele dia não se deve só à capacidade do indivíduo Natã.

A vitória de Salomão sobre Adonias foi, na verdade, a vitória de um grupo sobre o outro. O texto bíblico insiste nisso, já que cita várias vezes os aliados de Adonias (Joabe, Abiatar, filhos de Davi, homens de Judá) e os que apoiavam Salomão (Benaia, Zadoque, Natã, soldados). Será que cada um desses partidos se formou por preferências e simpatias pessoais (7)? Ou será que nesses dois grupos se manifestam interesses bem mais concretos? Vejamos.

1. Adonias era dos filhos vivos de Davi o mais velho. Por isso podia nutrir a esperança de vir a ser seu sucessor. Pelo que sabemos, o rei nunca se opôs a esta pretensão (vv. 5s). Todos seus outros filhos, afora Salomão, apoiavam o irmão mais velho (vv. 9.19.25). Nascera em Hebrom (II Sm 3,4), na época em que esta era residência do reinado de Davi sobre Judá (II Sm 2,1ss; 5,5). Em Hebrom, anos antes, Absalão fora proclamado rei contra Davi (II Sm 15,1ss). Estaria o apoio de Adonias em Judá?

Em todo caso, o aliado militar de Adonias, seu tio (I Cr 2,16) Joabe, parece ter-se juntado a Davi apenas em Hebrom. Joabe aparece pela primeira vez em II Sm 2,13, seu irmão já em I Sm 26,6 (cf. I Sm 22,1?). Além disso Joabe ainda dá outra pista, muito preciosa, para caracterizar o partido de Adonias. Joabe é comandante do exército de guerreiros voluntários (II Sm 8,16; 20,23; I Rs 1,19 etc.), convocados, em especial, para guerras de defesa, para as assim chamadas 'guerras santas' (cf. II Sm 10ss). Com seu cargo, Joabe está, pois, enraizado em antigas tradições do povo (II Sm 24, 1 ss!).

6) Cf. E.Würthwein, *Das Erste Buch der Könige. Kapitel 1-16*, in: *Das Alte Testament Deutsch* 11/1. (1977), pág. 145.

7) M.Nothe, *op.cit.*, pág. 17.

Também o sacerdote Abiatar é representante das antigas tradições. Ele provém dos sacerdotes que, em Silo, guardavam a arca (I Sm 1ss). Ainda mais: como seu último sobrevivente, acompanhou Davi desde os dias, em que fugia de Saul (1 Sm 22,20ss).

Combina bem com essas observações o fato de que Adonias também era apoiado pelos homens de Judá que estavam a serviço de Davi (v. 9). A gente do interior, da província, estava com o filho mais velho do rei.

Resumindo, podemos dar as seguintes características ao grupo que se reunia em torno de Adonias. Esteve desde o início com Davi. Provém das antigas tradições do povo. É representante dos interesses da província.

2. Muito diferente é o grupo que impôs Salomão como sucessor.

Salomão nasceu em Jerusalém (II Sm 5,14; 12,24s). Sua mãe deve ter sido uma israelita (cf. II Sm 11,3; 23,34), mas seu primeiro matrimônio foi com o heteu Urias, certamente um dos antigos moradores de Jerusalém. Salomão foi educado na corte de Jerusalém (II Sm 12,25; é possível que até seu nome 'Salomão' tenha algo a ver com o nome da cidade de 'Jerusalém').

Seu aliado militar foi Benaia(8), que provinha do sul de Judá (II Sm 23,20). Parece ter-se juntado a Davi apenas em Jerusalém (em II Sm 8,18 é mencionado pela primeira vez). Aí tornou-se comandante dos mercenários estrangeiros que formavam a tropa pessoal de Davi (II Sm 8,18; 20,23; 23,23) (9). Os profissionais das armas, em geral estrangeiros, estavam com Salomão e articulavam-se através de Benaia.

Pelo que estamos vendo, os que apoiavam Salomão não estavam ligados às forças tradicionais do povo de Deus. É o que transparece também em Zadoque e Natã. Pois, nos textos bíblicos, eles só aparecem com seus títulos, sacerdote e profeta respectivamente. Não sabemos quem eram seus pais; são sem tradição. (Em II Sm 8,17 o texto hebraico foi alterado com o intuito de incorporar Zadoque aos descendentes de Eli, cf. I Sm 2,35s; 1 Cr 5,34.) Isso significa – muito provavelmente – que ambos não eram israelitas.

8) Cf. A. Zeron, *Der Platz Benajahus in der Heldenliste Davids (II Sam 23,20-23)*, in: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 90. (1978), pág. 20ss.

9) Nos relatos sobre a revolta de Absalão (II Sm 15ss), Benaia curiosamente não aparece; sob Davi parece nem mesmo ter galgado uma posição firme (II Sm 23,20-23). Mas foi fiel executor das ordens de Salomão (I Rs 2,25.34s). – Este exército de mercenários profissionais tem vários nomes em I Rs 1: são os 'heróis' (vv.8.10, cf. II Sm 24,8ss), os 'creti et pleti' (vv.38.44), os 'escravos' de Davi (= 'guarda-costas?', v.33). E talvez Simei e Ref – partidários de Salomão que são citados no v.8(cf. I Rs 4,18) – também sejam dois 'heróis' de guerra.

No caso do sacerdote Zadoque – que surge como sacerdote (II Sm 15,24ss) apenas depois que Davi fez da cidade jebusita de Jerusalém sua capital –, em geral se supõe que tenha sido sacerdote (ou até rei, cf. Gn 14,18ss) no antigo santuário jebusita. Davi o teria colocado a seu serviço, para facilitar a incorporação da população cananéia em seu território (10). No caso de Natã – que igualmente só aparece depois da conquista de Jerusalém (em II Sm 23,36 parece não se tratar de nosso Natã) –, também se pode supor que tenha provindo da antiga população jebusita(11).

Os militares (Benaia e seus comandados) e os religiosos (Zadoque e Natã) que garantem o trono de Salomão, não estão enraizados nas antigas tradições do povo de Deus. Através deles falam os interesses da corte real na nova capital. A nova elite, que se impõe através de Salomão, é a própria continuação das antigas elites jebusitas da cidade-estado de Jerusalém.

Com a decisão da sucessão em favor de Salomão e os que o apoiavam, o povo de Deus é colocado diante de uma situação radicalmente nova. Para poder compreender esta nova situação e nela avaliar ainda melhor o papel de Natã devo caracterizar o movimento que fez surgir o reinado de Davi.

Os reinados de Saul e Davi se formaram em situações muito diferentes. O de Saul surgiu e existiu em função dos inimigos (amonitas, amalequitas e, principalmente, filisteus), que acoassavam Israel. Basicamente foi um rei na frente de luta e sucumbiu nessa tarefa. O surgimento do reinado de Davi é, em geral, atribuído de maneira unilateral à sua sabedoria e habilidade políticas (12). Davi, sem dúvida, foi muito habilidoso (cf. por exemplo II Sm 4,31ss), mas viveu uma situação muito especial. Essa foi a situação social no sul da Palestina, a pobreza da população de Judá. Pois seu exército de 400 (I Sm 22,2), de até 600 (I Sm 23,13; 25,13; 27,2) homens armados – um número significativo para a época – era formado por gente sofrida e empobrecida. Era gente que se achava em apuros, endividada e amargurada (I Sm 22,2! cf. Jz 9,4; 11,3). Eram pequenos agricultores empobrecidos que, para sobreviver, tinham que se tornar escravos ou fugir(13). Eram famílias inteiras, como a

10) K.Koch, *Zadok*, in: *Biblisch-Historisches Handwörterbuch III*. (1966), pág. 2200.

11) Cf. H.Haag, *Gad und Nathan*, in: *Archäologie und Altes Testament, Festschrift für K. Galling*. (1970), pág. 135ss.

12) Cf. por exemplo A.H.J.Gunneweg, *Geschichte Israels bis Bar Kochba*, in: *Theologische Wissenschaft 2*. (1972), pág. 64.

13) Quanto aos "homens endividados" (I Sm 22,2) cf. F.Horst, *Das Privilegrecht Jahwes, rechtsgeschichtliche Untersuchungen zum Deuteronomium*. Theologische Bücherei 12 (1961), pág. 83ss. Compare também I Sm 25,2ss; II Sm 12,1ss.

do próprio Davi (I Sm 22,1), que se desagregavam. (Davi deve ter sido um dos guerreiros de Saul, cf. I Sm 14,52). Eram escravos foragidos (I Sm 25,10). Certamente muitos nem mesmo eram israelitas (II Sm 23,39) (14). Talvez fossem "chabiru"/hebreus (15). Nesse ambiente de intranquilidade social e na base de um exército de 'desesperados', surgiu o reinado de Davi, inicialmente só sobre Judá, mas depois também sobre Israel (16).

O início do reinado de Davi, com sua tropa de gente empobrecida, e o início do de Salomão, garantido pela elite de funcionários, militares e religiosos, herdeiros dos jebusitas em Jerusalém, não poderia ser mais diverso. Talvez até se pudesse dizer que de um lado está o guerrilheiro popular (cf. a solidariedade entre Davi e os peões de Nabal em I Sm 25,7s.15s!), do outro lado o explorador e comerciante exemplar (I Rs 12,4). A passagem de um para o outro se deve às intrigas do profeta Natã. Ele precisava de Salomão. Seria essa uma chance para a igreja profética?

Com a ascensão de Salomão ao trono desaparece Natã. Seu último ato significativo foram suas manobras naquele dia, quando se decidiu quem sucederia ao velho Davi. Esse Natã, que nessa situação aprendemos a conhecer, é bastante diferente daquele que, em geral, povoa nossas idéias. Por certo, Natã iniciou bem cedo a caminhada que concluiu em I Rs 1s.

II

Essa caminhada teve início uns 20 ou 30 anos antes, nos primeiros anos do reinado de Davi em Jerusalém. Pois na primeira vez em que Natã aparece em textos bíblicos – isso ocorre em II Sm 7 – ele garante a Davi não só seu reino, mas até uma dinastia. A decisão da sucessão de Davi se deve, como vimos, ao nosso profeta. Coincidentemente, foi ele que anunciou sucessores a Davi. Talvez fosse permitido dizer que em II Sm 7 está a teoria (promessa de dinastia) para a prática de I Rs 1 (imposição de Salomão como sucessor).

Já estou me precipitando, porém. Pois, antes de entrar em maiores detalhes sobre o profeta Natã em II Sm 7, é indispensável que se tome em consideração que este é um texto controvertido e

14) K.Elliger, *Die dreissig Helden Davids*, in: Theologische Bücherei 32 (1966), pág. 72ss.

15) Cf. A.H.J.Gunneweg, op. cit., pág. 37-39.

16) Quanto ao assunto, cf. também A.Alt, *Der Anteil des Königtums an der sozialen Entwicklung in den Reichen Israel und Juda*, in: Kleine Schriften zur Geschichte des Volkes Israel III, 2ª ed. (1968), pág. 348ss.

difícil. Está carregado de história. Ora, por um lado, faz parte de um elo de ligação (II Sm 6s (8?)), que entrelaça três documentos básicos para o início do reinado em Israel, quais sejam: conto da arca (I Sm (1-3)4-7,1 + II Sm 6), histórias da ascensão de Davi (I Sm 16-II Sm 5), história da sucessão de Davi (II Sm 2 - I Rs 2). E, por outro lado, II Sm 7 é uma promessa que diz respeito a todos os reis davídicos, que governaram em Jerusalém por quase meio milênio. O Novo Testamento prolonga essa linha até Jesus (Mt 1,1ss; Lc 3,23ss). O texto de II Sm 7 participou ativamente de toda essa história. Podemos perceber que deve ter havido reinterpretação e atualização (17), mas parece difícil, talvez até impossível, fixar com alguma precisão as mudanças havidas. De sorte que, na pesquisa sobre II Sm 7, em si ninguém concorda com ninguém. Para alguns todo capítulo remonta ao encontro de Davi e Natã (18), para outros tudo é produto de épocas posteriores (19) e muitas são as soluções intermediárias. Contudo, não podemos, agora, participar dos detalhes dessa discussão. Parto da observação de que o conteúdo básico de II Sm 7 é a promessa de uma dinastia davídica. Talvez com demasiada ingenuidade, tento entender esse texto a partir da época de Davi.

Davi se tornara rei de Judá e de Israel. Impusera-se contra os filisteus. Levava a arca para sua nova capital, Jerusalém. Agora, II Sm 7 observa que seu palácio de cedro não condiz com a tenda, em que a arca está colocada. Natã diz ao rei que faça o que estiver em seus planos, isto é, ele apóia a construção de um templo para a arca da aliança (vv.1-3). Naquela mesma noite, porém, Deus revela outros planos a Natã: põe radicalmente em dúvida a construção de uma morada para o Deus de Israel, por ser ele um peregrino (vv.4-7), mas anuncia uma casa, isto é, uma dinastia, a Davi (vv.8-17). O rei agradece (vv.18-29), e essa oração quase ocupa a metade do capítulo.

Aqui Natã, de fato, é profeta. Essa colocação se pode fazer logo de início. Não se trata de um conselheiro real, hábil em intrigas (I Rs 1). Desta vez, Natã tem nítidas características proféticas. Introduce suas palavras com a fórmula de mensageiro ("assim disse o Senhor", vv.4.8). Lemos que Deus o pôs em movimento ("vai e dize a meu servo Davi", v.5) e ampliou sua missão ("e, agora, assim dirás

17) L. Rost, op. cit., pág. 159ss.

18) Cf. por exemplo M. Noth, *David und Israel in 2. Samuel 7*, in: Theologische Bücherei 6 (1966), pág. 334ss.

19) F.Schwally, *Zur Quellenkritik der historischen Bücher*, in: Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft 12. (1892), pág. 153ss.; K. Rupprecht, *Der Tempel von Jerusalem, Gründung Salomos oder jebusitisches Erbe?* in: Beiheft zur Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft 144 (1977), pág. 62ss.

ao meu servo Davi", v.8). Até sabemos que a palavra de Senhor lhe ocorreu à noite, em visão (vv. 4.17), como era freqüente entre profetas (cf., por exemplo, Jr 1,4ss). Portanto, II Sm 7 mostra Natã em funções de profeta.

Além de ser profeta, Natã inclusive é defensor de genuínas tradições israelitas. Davi precisava de um templo; fundara um novo estado, unindo Judá e Israel; derrotara os filisteus; e passara a constituir um fator considerável de poder no Oriente Próximo daquela época. Essa nova situação requeria um templo. Isso é posto em dúvida pelo profeta (vv. 5b.7b são perguntas). Pois o Deus de Israel não pode morar num templo. Não é sedentário, mas peregrino e andarilho. "Em casa nenhuma habitei desde o dia em que fiz subir os filhos de Israel do Egito até o dia de hoje"! (v.6) Com essa argumentação, Natã assume tradições genuinamente israelitas, para contestar os planos de Davi. Esse Natã nem parece ser o mesmo que, uns 20 a 30 anos mais tarde, tem contra si os representantes das tradições do povo (I Rs 1). Acontece que a situação no início do reinado de Davi era muito diferente da que haveria, na coroação de seu sucessor: Salomão constrói o templo em nome do mesmo Deus, que através de Natã colocara fundamentalmente em dúvida qualquer construção de templo (20).

Entretanto, não fariamos jus à profecia de Natã se concentrássemos demasiada atenção em sua posição contrária ao templo. Pois essa somente é a primeira parte de sua palavra a Davi. Inclusive é a menor parte. A parte maior e o ápice de tudo é a promessa para a casa de Davi (vv.8-16). Davi foi escolhido e protegido. Deus mesmo derrotou seus inimigos e o fez rei sobre Israel. Essa decisão vale inclusive para os descendentes. "A tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti. Teu trono será estabelecido para sempre" (v. 16). Durante quase meio milênio essa palavra acompanhou os reis de Judá. Com isso, na verdade, o reinado foi englobado no agir salvífico de Deus. Assim tornou-se difícil que dentro do povo de Deus pudesse se articular uma distância crítica diante do rei (cf. por exemplo Dt 17,14ss; I Sm 8,10ss). Natã, em todo caso, é todo entusiasmo pelo rei. Na questão do templo, contrariando o desejo de Davi, o profeta ainda afirmava distância crítica. O mesmo não ocorreu diante do reinado. Natã estava preso a Davi. A profecia perdia a distância do poder.

Uma vez percebido esse dilema, em que está colocada a promessa de dinastia, se torna possível mais outra descoberta.

20) Na verdade, a posição de Natã em vv. 4-7 só se torna explicável a partir da época de Davi. Não depõe isso em favor de sua historicidade? V.13, em todo caso, é uma adaptação posterior à situação sob Salomão.

Chamou-me a atenção que em II Sm 7 se fala freqüentemente em inimigos (vv.1.9-11.14; cf. II Sm 12.14). Mas desses inimigos Natã não fala, quando seu assunto é a crítica ao templo, mas somente quando trata do reinado. Os inimigos estão ligados ao reinado e à dinastia. Numa série de outros textos bíblicos, sabidamente ocorre o mesmo (cf. por exemplo SI 110,1s). Reis têm inimigos. Esses inimigos nada mais são que o outro lado do despotismo. Onde reis são impostos pelas armas, sem aclamação geral, onde o despotismo surge, sem aceitação popular, necessariamente são criados inimigos. A evocação dos inimigos, ontem e hoje, faz parte da tirania. Natã insiste em falar dos inimigos de seu rei, acompanhando assim, como amigo da corte, a tirania real, que vai tomando forma na época de Davi (observe II Sm 15,1ss; 20,1ss) e acaba se impondo com Salomão (I Rs 12,4!).

Natã era amigo da corte. Isso evidentemente não só se deve deduzir de suas palavras contra os inimigos de seu rei e senhor. Ao meu ver, isso transparece naquela cena, com que inicia II Sm 7. O rei, certo dia, participa ao profeta que está preocupado com o contraste: ele no palácio, a arca numa tenda. Natã responde: "Tudo que estiver em teus planos, vai e faze, pois o Senhor está contigo" (v.3). Essa cena não é nem particular, nem privada. Pois Natã e Davi aparecem cada qual com seu título, rei e profeta; e o assunto, um templo, é vital para os interesses do estado. Neste caso, nem mesmo é suficiente dizer que Natã seja amigo da corte. Deve-se dizer que ele é conselheiro do rei em assuntos religiosos (21). Esta função, curiosamente, não é ocupada por sacerdotes, mas por um profeta (cf. também II Sm 24, 18ss).

Portanto, no início do reinado de Davi em Jerusalém encontramos, em II Sm 7, um Natã que não difere basicamente daquele intriguista 'naquele dia' da coroação de Salomão, uns 20 a 30 anos mais tarde. Vemo-lo na função de um conselheiro para assuntos religiosos. Está amarrado à corte e detesta os inimigos de seu rei. Mas é profeta. O alvo de sua profecia, no entanto, combina exatamente com sua posição na corte. Esse alvo é a promessa divina de constância para a dinastia davídica.

Num ponto, porém, esse Natã difere de tudo quanto dele até aqui sabemos. Em palavra profética, põe radicalmente em dúvida a possibilidade de construir um templo para o Deus de Israel, que sempre fora peregrino, jamais sedentário. Aqui Natã é representante de antigas tradições.

21) H.W.Hertzberg, *Die Samuelbücher*, in: *Altes Testament Deutsch* 10 (1956), pág. 228.

Essa defesa de antigas tradições (22) e, principalmente, essa postura crítica estão plenamente presentes no terceiro e mais conhecido texto, que fala de Natã. Trata-se da intervenção de Natã no episódio entre Davi, Bate-Seba e Urias em II Sm 11s.

III

Digo, logo de início, que, a meu ver, II Sm 12 mostra, como poucos outros textos bíblicos, o sofrimento da verdade. Parece-me que nele a verdade ao mesmo tempo é dita e desdita. Ocorre condenação à morte. Como o condenado, porém, não é um João qualquer, mas o rei todo-poderoso, essa condenação acaba sendo driblada. II Sm 12 espelha o sofrimento de um profeta amarrado a seu rei, mas a um rei assassino. Talvez estivemos romantizando e heroificando sobremaneira o profeta Natã, em seu encontro com Davi. Isso porque deixamos de ler II Sm 12 (23) no contexto de I Rs 1 e II Sm 7. Porém, deixemos os textos falar.

Ora, os acontecimentos são conhecidos. Davi se engraça de Bate-Seba. Assim Urias, seu marido, é mandado por Davi à morte. Enquanto seus soldados estão na guerra (a guerra contra os amonitas, II Sm 9-12, é o contexto do adultério de Davi), o rei vive de suas glórias, infame, covarde, traiçoeiramente. Em meio a esse complô de injustiças, salta Natã, enviado por Deus (II Sm 11,27b; 12,1). É quase impossível ler essa parte da Bíblia sem ansiar por este momento profético; seria uma desgraça, sem a graça de Natã. Bem por isso, a gente deve ter o cuidado de não ler o que não está escrito.

Certo é que em II Sm 12 Natã é profeta. Mas – curiosamente! – nesse seu encontro com Davi, Natã nenhuma vez é designado de profeta (sobre o v. 25 vide abaixo). Isso inquietou, entre outros, os tradutores gregos (LXX), que acabaram por acrescentar o título a Natã. Seria mero acaso que em II Sm 12,1-15a Natã não seja designado expressamente de profeta?

Mesmo sem título, porém, Natã nos é apresentado como profeta. Suas palavras a Davi, duas vezes são introduzidas pela fórmula de mensageiro (“assim disse o Senhor”, vv. 7.11). Ele é enviado por Deus (v.1) (24). Nas suas palavras transparece o

22) Cf. R.Rendtorff, *Erwägungen zur Frühgeschichte des Prophetentums in Israel*, in: Theologische Bücherei 57 (1975), pág. 234.

23) Quanto aos problemas literários de II Sm 12, cf. o breve resumo de H.C.Schmitt, *Prophetie und Tradition. Beobachtungen zur Frühgeschichte des israelitischen Nabitums*, in: Zeitschrift für Theologie und Kirche 74 (1977), pág. 266s.

24) Este verbo ‘enviar’ é muito importante nos profetas (cf. Is 6,8; Jr 1,7).

esquema de outras palavras proféticas: primeiro se denuncia, depois se anuncia (25). Observemos, agora, o conteúdo de sua profecia.

Natã apresenta a Davi uma parábola, que fala do pobre e do rico. O pobre ama a sua ovelhinha. Mas o rico, que é dono de um grande rebanho, vem buscá-la para oferecê-la a um hóspede. Diante desse relato, Davi se enfurece: "Tão certo como vive o Senhor, filho da morte é o homem que fez isso. E pela ovelhinha restituirá quatro vezes, porque fez tal coisa, e porque não se compadeceu." (vv.5s) Observa-se que o homem rico é condenado de duas maneiras. Davi condena o infrator primeiro à morte, depois à restituição. No caso do homem rico, evidentemente só uma das penas faz sentido; e essa é a restituição, prevista nas leis (Êx 21,37; na versão de Almeida, 22,1). Mas como entender a primeira reação de Davi, condenando o homem rico à morte?

Uns acham que o problema deve ser resolvido à base da crítica literária. A primeira reação de Davi, em que decreta pena de morte, seria um acréscimo posterior. Nesse caso, deveríamos supor que se tratasse de um redator muito ingênuo que ignorava ser restituição a pena para roubo.

Outros vêem na condenação à morte somente uma reação emocional de Davi (cf. v.5a). Após este primeiro impacto, o rei (e juiz) teria sentenciado conforme o costume, exigindo restituição (26). Contudo, nessa interpretação deveríamos fazer a diferença moderna entre opinião particular e sentença oficial.

Ainda outros entendem ser abuso de poder o termo de comparação entre o caso contado por Natã e o assassinio cometido a mando de Davi (27). Essa explicação, no entanto, parece ser um tanto teórica e artificial. Além disso, ela não responde à pergunta por que, afinal, é exigida restituição.

Além dessas, ainda existem outras interpretações, que agora não podemos discutir. Mas talvez nem seja necessário. Pois a mim parece que a questão é bem menos complicada. É evidente que o caso contado por Natã não se adapta, em seus pormenores, ao caso de Davi, Bate-Seba e Urias. Por isso aquela primeira reação de Davi, condenando à morte, nada mais é que uma maneira de aproximar o caso de Davi ao caso do homem rico. Enquanto isso, a restituição,

25) Cf. C.Westermann, *Grundformen prophetischer Rede*, in: Beiträge zur evangelischen Theologie 31, 4ª ed. (1971), pág. 100.

26) F.Horst, *Der Diebstahl im Alten Testament*, in: Theologische Bücherei 12 (1961), pág. 173.

27) Cf. H.Seebass, *Nathan und David in II Sam 12*, in: Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft 86 (1974), pág. 203ss.; H.J.Stoebe, *2. Samuel 12,1-10.13-14*, in: Hören und Fragen 4/2 (1976), pág. 112s.

inicialmente, só tem em vista o homem rico. Também é evidente que a condenação à morte e à restituição fazem parte deste texto.

Isso, no entanto, tem uma consequência muito decisiva para o todo do texto. Pois quando Natã fala a Davi "Tu és o homem!", ele não só – como em geral se pensa – diz que o rei a si mesmo se condenara à morte, mas também que o rei se comprometera a restituir e compensar. Permanece, portanto, uma duplicidade. Davi é enquadrado, ao mesmo tempo, no código penal e no código civil. Mas, afinal, Davi é criminoso ou apenas ladrão comum? Vejam, essa duplicidade não se nota só no começo de II Sm 12. Veremos.

Natã estava conduzindo o rei até bem perto do âmago da questão: assassinato requer pena de morte. Mas parece que o profeta desiste de seu empreendimento, pois as palavras que, a seguir, passa a dirigir a Davi são um tanto diferentes (28).

"Assim disse o Senhor, Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel. E eu te livre das mãos de Saul. Dei-te a casa de teu senhor, e as mulheres de teu senhor em teus braços. E te dei a casa de Israel e de Judá. Se isto fora pouco, eu teria acrescentado tais e tais coisas. Por que desprezaste a palavra do Senhor, fazendo o mal perante ele? Ao heteu Urias feriste à espada. A sua mulher tomaste por mulher depois de o matar com a espada dos filhos de Amom. E, agora, não se afastará a espada da tua casa, pois tu me desprezaste e tomaste a mulher do heteu Urias para ser tua mulher." (v. 7b-10).

Parece-me que na medida, em que Natã se aproxima da questão crucial, o assassinio de Urias, ele vai amaciando, desviando o problema. Isso logo se percebe na linguagem usada. São lembradas todas as coisas boas que Deus fez por Davi (cf. II Sm 7,8ss), diante das quais a ação traiçoeira do rei, ao fazer morrer Urias, é quase inacreditável. Enquanto o profeta assim vai aprofundando o caráter incompreensível e absurdo do que ocorreu, vai fixando todo o interesse em Davi. Não mais Urias e seu assassinato, mas a atitude de Davi passa a ser o problema. Creio que interpreto bem, se digo que o assassinato está virando assunto de moral (no v. 10b a fundamentação do castigo, curiosamente, não é a morte de Urias!). E esse problema pode ser sanado! Então Davi pode ser curado. Esta é a intenção das palavras do profeta: curar Davi. Natã é aí um cura d'alma, um "confessor" (29).

Uma outra observação reflete e, ao mesmo tempo, limita devidamente a tendência poimênica, que acabo de anotar. Trata-se do seguinte: o castigo, do qual o profeta agora fala, não se refere

28) Por isso secundárias? Cf. L. Rost, op. cit., pág. 184ss.

29) Como diz H. W. Hertzberg, op. cit., pág. 251.

mais diretamente à pessoa de Davi; “e, agora, não se afastará a espada da tua casa” (v. 10a). Essas palavras dão a impressão de que Davi nem mesmo está incluído entre os que hão de sofrer o castigo pela morte do heteu. Apesar disso, ainda é bem evidente que o assassinato de Urias será expiado por outras mortes. O castigo, no entanto, amplia seu raio de ação para dentro da família real (cf. v. 19; II Sm 13,28s; 18,15; I Rs 2,5).

Dessa conseqüência do adultério de Davi (lembro que só dele se fala no v.10b) e da morte de Urias, para dentro da família real, se ocupa a continuação da palavra profética:

“Assim disse o Senhor: Eis que da tua casa farei surgir o mal. Tomarei as tuas mulheres à tua vista e as darei a teu próximo. E ele se deitará com tuas mulheres em plena luz deste sol. Pois tu fizeste às escondidas, mas eu farei isto diante de todo Israel e à luz do sol.” (v. 11-12).

Nessas palavras (30), nem Davi (vv.5a. 7), nem seus filhos (v. 10a), mas seu harém é que sofre as conseqüências (cf. 2 Sm 16,20ss?). Já não se trata, porém, de conseqüências de morte, mas de desonra e abuso. A gente até se pergunta, se estas mulheres têm que pagar pela morte de Urias ou pelo adultério de Bate-Seba. Em todo caso, é impressionante observar como o assassinato de Davi, ao mesmo tempo que arrasta consigo um círculo sempre maior de pessoas, vai se afastando do próprio culpado.

Vê-se também, nessas palavras proféticas de Natã (vv.7b-10.11s), uma ambigüidade: por um lado, é tomado a sério o assassinato de Urias; ele será pago pela família real. Por outro lado, Davi é aliviado do castigo; seus filhos é que morrerão e suas mulheres é que serão abusadas. Trata-se assim da cura do rei. Ora, um rei não pode ser condenado à morte; para isso há tantos outros!

Essa vacilação diante de Davi também transparece no fim do encontro do profeta com seu rei. Relata-se:

“E, então, disse Davi a Natã: Eu pequei diante do Senhor. Respondeu Natã a Davi: Também o Senhor perdoou teu pecado. Não morrerás. Mas, como deste motivo a que os inimigos do Senhor blasfemassem por causa dessa história, também o filho que te nasceu, terá que morrer. E Natã foi para sua casa.” (vv.13-15a).

Essa cena fala claramente: a culpa assumida por Davi precisa ser expiada (v.14a!). Assassinato só pode ser restaurado a nível de morte; a pena de morte é o castigo para o rei. Davi é candidato à morte (cf. v.5). Mas nosso texto consegue resolver o problema que, dessa forma, estava lançado. Isso ocorre através da

30) Em geral tidas por secundárias Cf., no entanto, H. Seebass. op. cit., pág. 207.

confissão da culpa (v.13a), do perdão (v.13b) e, principalmente, através da morte da criança recém-nascida (vv.14b. 15b.16ss). No fim, morre uma criança, ao invés do rei mandante do crime de morte.

Dessa maneira as duas linhas de pensamento, em luta desde o início do encontro entre Natã e Davi, mais uma vez estão lado a lado. Por um lado, diante do covarde assassinato de Urias era exigida justiça. Essa só poderia recair sobre o culpado na forma de sua morte (vv.5.13b, cf. v.10). Por outro lado, porém, essa palavra nem Natã, nem aqueles que escreveram essa história puderam sustentar diante do rei. Falam da restituição (v.6). Ampliam a pena de morte para sua casa e seus filhos (v.10). Incluem o harém no sofrimento (vv.11s). Morre o filho do adultério (vv. 14ss). E Davi é humilhado (vv. 6s). É conduzido à confissão da culpa (vv. 7a. 13a). Sofre (vv. 15ss). Contudo, acima de todos, é curado e, enfim, salvo! Esse é o dilema de Natã. (O cronista eliminou todo episódio de Davi com Bate-Seba, cf. I Cr 19s. Em geral, se supõe que isso tenha ocorrido, devido ao fato de que neste episódio Davi aparece muito negativamente. Não poderia ser também pelo fato de a palavra de Natã não ser uma palavra clara ?)

A ambigüidade, em que ocorre a profecia de Natã, percebemos também se, agora, olharmos com mais atenção para o caso parábola relatado pelo profeta no início de seu encontro com o rei: (31)

“Dois homens viviam numa cidade. Um era rico, o outro pobre. O rico tinha ovelhas e bois em grande número. O pobre, porém, nada tinha, a não ser uma ovelhinha que comprara e criara. Crescera com ele e com seus filhos. Comia do seu bocado. De seu copo bebia. Em seus braços dormia. Era-lhe como uma filha. Mas, veio visita para o homem rico. E ele não quis tomar das suas ovelhas e de seu gado, para preparar para o viajante que tinha chegado. Tomou a ovelhinha do homem pobre e preparou-a para o homem que tinha chegado.” (vv.1-4)

Essa parábola é mais uma prova de que o início do reinado de Davi coincide com a pobreza. Não é suficiente fixar a concentração de riquezas e o aumento dos marginalizados na época dos grandes profetas do século XIII – Amós, Oséias, Isaías, Miquéias. Já nos dias de Davi a situação estava clara. Numa mesma cidadezinha tinha que conviver o pobre aterrorizado com sua ovelhinha, e o rico opressor com seus grandes rebanhos. É a situação do peão sob as botas do patrão.

31) Cf. W.Schottroff, *Das Weinberglied Jesajas (Jes 5,1-7), ein Beitrag zur Geschichte der Parabel*, in: *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 82 (1970), pág. 68ss.; G. Lohfink, op. cit., pág. 66s.

No entanto, não é esse conflito que, de fato, interessa no contexto de nossa parábola. Isso salta aos olhos. Pois o alvo de Natã ao relatar o caso não é a denúncia do terror, em que está vivendo o pobre. O interesse de Natã está em Davi, e ele é o alvo do profeta. Natã aplica uma parábola caso, que provém do conflito entre explorador e explorado, numa situação, em que o conflito é adultério (Bate-Seba e Davi) e assassinato (Urias). Assim, a parábola é alienada de sua função primária.

É, pois, possível que Natã não tenha sido o primeiro a contar a parábola do rico e do pobre. Na capital Jerusalém, grupos insatisfeitos com a situação social talvez contassem tais casos típicos para denunciar o terror, sob o qual viviam os fracos. O recontar de casos exemplares faz parte da conscientização. Natã aparentemente assumiu uma tal parábola de protesto e conscientização, mas quebrou-lhe a ponta ao aplicá-la aos problemas da corte. Esse é o dilema e a ambigüidade de Natã. Sabedor do terror contra os pequenos, nas cidadezinhas de Judá e Israel, optou pela cura de Davi, pela purificação da corte.

Tentar curar e salvar Davi é a ilusão, na qual Natã sofre. Sim, II Sm 12 é um texto bíblico de profundo sofrimento de Deus. Natã não quer ser infiel ao Senhor que o enviou. Mas está preso às circunstâncias de seu ambiente; chegara a anunciar eternidade à dinastia davídica (II Sm 7). Nesse dilema entre profeta e amigo da corte sucumbem veracidade e autenticidade da palavra de Natã. Não, esse não é, nem de longe, um herói!

No entanto, ainda que seja um anti-herói, um meio-profeta, ele está no caminho. Pois há também coragem em sua atitude; quase condenou o rei à morte. Parece-me que os escritores bíblicos perceberam que aqui, ainda em meio a sombras, estava se preparando algo profundamente novo. É o que deduzo de uma pequena observação: em II Sm 12,1-15a Natã não é designado de profeta. Nesse ponto ele se aproxima dos grandes profetas do século VIII. Eles que anunciavam morte e exílio aos reis, não admitiam que fossem chamados de profetas. "Eu não sou profeta", diz Amós (7,14).

A seguir teremos que voltar a esses assim chamados profetas do século VIII. Mas, de momento, não devemos esquecer que Natã é mencionado em mais um lugar do episódio entre Davi e Bate-Seba. Parece que essa passagem tem sido esquecida pelos que heroificaram Natã. Ora, concluída a cena entre o profeta e seu rei, lê-se, em II Sm 12,15b.16ss, que o filho de Bate-Seba adoece, Davi sofre, a criança morre. Mas a vida continua. Nasce um segundo menino, Salomão. E o narrador conclui todo o episódio de Davi e Bate-Seba com estas palavras:

“E (Davi) entregou (Salomão) na mão de Natã, o profeta. E este lhe deu o nome de Jedidias – por causa do Senhor. (v.25) (32).

Essas poucas palavras esclarecem algumas questões. Elas, mais uma vez, comprovam (cf. II Sm 7,4-7) que Natã indiscutivelmente foi (ou se tornou?) um adorador de Javé, do Senhor. Pois o nome que ele dá a Salomão o evidencia. Chama-o de Jedidias e isto significa: Amado de Javé.

É curioso que Natã, o qual, em toda cena com Davi, nenhuma vez fora chamado por seu título, volta a ser designado de profeta, apesar de que aqui sua função seja totalmente outra. Se Davi lhe entrega Salomão, então para que o profeta dele cuide e o eduque. Natã é o educador de Salomão (cf. II Rs 10,1-6). Nessa qualidade de educador – não de profeta! –, dá um nome especial ao filho do rei. Como Salomão apenas nessa passagem do Antigo Testamento é chamado de Jedidias, pode-se deduzir que se trata de um nome de intimidade dado pelo mestre Natã a seu educando Salomão. E já que é esse o caso, talvez tampouco seja puro acaso o fato de que, na lista dos filhos que nasceram a Davi em Jerusalém (II Sm 5,13-16), foi dado o nome de Natã (é deste que fala Zc 12,12?) ao filho nascido antes de Salomão. (Para I Cr 3,5, este até é filho de Bate-Seba, aliás Bate-Sua!) A gente é induzido a imaginar que, em homenagem a seu profeta, Davi chamou a um de seus filhos de Natã e, em retribuição, o profeta deu um nome especial a seu discípulo Salomão. Tal compadrio, porém, certamente não passa de imaginação! Esta, no entanto, serviria para assinalar como nosso Natã estava estreitamente ligado à corte. Natã precisava de Davi.

A partir desse seu cargo de educador do sucessor de Davi, Natã, mais tarde, pode ser considerado escritor. É o que se observa no cronista (I Cr 29,29; II Cr 9,29). Ele também faz de Natã um dos que introduziram os levitas como cantores no templo (II Cr 29,25). Natã chega a assumir aqui a função de um legislador do culto. Suponho que II Sm 7,1-3 tenha sido o texto motivador.

Assim, se fecha nosso círculo: Natã, provavelmente já avançado em anos, impusera Salomão como sucessor. Prometera, uns 20 a 30 anos antes, dinastia a Davi. Depois salvara e curara seu rei, que complicara sua vida num adultério e assassinato. Por fim, fora encarregado da educação de Salomão vindo a impô-lo como novo rei. No dia em que Natã assume Salomão e sua educação, desapare-

32) No verbo 'enviar', 'entregar', ocorreu, no hebraico, elipse do acusativo. Em geral se acrescenta, devido ao contexto, uma pessoa – Salomão – como objeto (BHK, cf. W.Gesenius, *Hebräisches und aramäisches Handwörterbuch*, 17ª ed. (1962), pág. 832a). Também se poderia acrescentar 'mensagem' como objeto (cf. H.W.Hertzberg, op. cit., pág. 248,255). Quanto a esta questão compare agora H. C. Schmitt, op. cit., pág. 268.

ce sua profecia. Sucumbe também o resto de sua crítica que transparece, ainda que entre sombras e desvios, em II Sm 7 e II Sm 12. Como educador de Salomão, Natã foi absorvido pela corte, ele e os seus filhos, que acabaram se tornando altos funcionários de Salomão. Um filho de Natã (Azarias) tem o título de intendente-chefe, outro (Zabude) é amigo do rei (I Rs 4,5).

IV

Em resumo, pode-se dizer de Natã, desse profeta dos dias do grande rei de Judá e Israel:

Natã foi homem da corte de Davi em Jerusalém. Nela foi profeta. É o que diz seu título. É o que se vê em sua maneira de falar e em sua mensagem. Como um dos homens da corte, sua função não era basicamente diferente da dos demais funcionários, ministros e amigos do rei. Sua tarefa era a de preservar essa corte (cf., por exemplo, a atitude de Joabe em II Sm 24,1ss). Nas três vezes, em que os textos bíblicos falam mais demoradamente de Natã (II Sm 7;12; I Rs 1), a função de sua palavra e ação é a manutenção e preservação do reinado. Nada diz do povo de Deus. Promete, como palavra do Senhor, a continuidade da dinastia davídica (II Sm 7). Decide, juntamente com os militares profissionais de Jerusalém, a sucessão de Davi (I Rs 1). Critica e purifica Davi de seu adultério e assassinato (II Sm 12). Realmente, Natã estava com Davi!

Se caracterizo a função desse profeta como sendo a de manter o rei e os seus, então isso não significa que Natã seja um bajulador. Não é um daqueles que, de olhos fechados, só berram: Paz! Paz! (cf. Jr 6,14; 8,11; I Rs 22,5ss). Pelo contrário, manter o rei pode incluir a crítica. É o que se observa quando o profeta questiona a construção do templo (II Sm 7,4-7). Isso se torna bem evidente na crítica ao comportamento de Davi no caso Urias (II Sm 12,1ss; cf. também I Rs 1,27). Contudo essas críticas jamais colocam em dúvida, mas reafirmam o rei em sua posição. Elas não se tornam ameaças ao poder. Natã precisava de Davi!

No entanto, não é suficiente que se resuma a vida desse Natã na categoria de profeta. Pois os textos bíblicos insistem em apresentá-lo em funções não proféticas. Aparece como amigo e conselheiro de Davi (II Sm 7,1-3; I Rs 1,22ss; cf. II Sm 5,14?). Sua família está ligada aos destinos da corte (I Rs 4,5). Foi educador e mestre de um filho do rei (II Sm 12,25). Tornou-se homem chave do grupo que impôs Salomão como sucessor. Pode-se até observar que nas primeiras vezes, em que os textos falam de Natã, aparece mais como profeta. A partir do dia, em que lhe foi confiado Salomão.

os textos quase só falam de Natã como de um conselheiro. Assim, Natã passava para os mandantes em Jerusalém.

Comparável a Natã são seu contemporâneo Gade (I Sm 22,5; II Sm 24,11ss), Aías (I Rs 11,29ss) e outros. Pelo que hoje se sabe, esse tipo de profeta, preocupado com templos e reis, é freqüente no Oriente antigo. Mesmo sem poder valorizar, em detalhes, tal observação, deve-se estar ciente desses paralelos (33).

V

Natã não é Amós. Com Natã estamos, tão-somente, nos inícios da profecia em Israel. É o começo da luta contra o reinado, contra o grupo que, contraditoriamente em nome do Senhor, se adonou de seu povo. Ocorreu a primeira tentativa de enfrentar o rei. Mas sucumbiu. Natã, por fim, silenciou. Esse silêncio é como que o começo do sofrimento da palavra profética sob o novo poder, que se impusera sob a forma do reinado. Vieram outros: Aías (I Rs 11,29ss), Jeú (I Rs 16,1ss), Elias (I Rs 17,1ss; 21), Eliseu (II Rs 9,1ss) e outros. Sofreram com os reis até Amós e Oséias, Isaías e Miquéias no século VIII, 250 anos depois de Natã! São diferentes de seus antecessores. Pois neles o sofrimento profético chega a seu auge. São os profetas do fim. Chamá-los-ia, por isso, de profetas apocalípticos. Não vêm para admoestar nem para converter. Seu assunto principal não é a crítica nem a denúncia. Eles vêm, como visionários, na realidade, a destruição final para aquela organização iniciada por Davi. Falando na linguagem de Amós: "Jeroboão morrerá à espada" (7,11); "chegou o fim para meu povo Israel" (8,2). Ou citando a terrível palavra de Miquéias: "Sião será lavrada como um campo e Jerusalém se tornará em montões de ruínas, e o monte do templo numa colina de macega" (3,12). Estes profetas que falavam desse jeito, em todo caso, não viviam da corte e dos favores do rei. Viviam do chamado que Deus lhes impunha e daqueles poucos que os apoiassem. Isaías tinha um pequeno círculo de discípulos em Jerusalém (Is 8,16). Miquéias estava com os colonos de Judá (Jr 26,17ss). Oséias se via apoiado por outros profetas (Os 6,5; 9,7; 12,11). Até mesmo Amós tinha lá seus amigos que observaram e anotaram sua desavença com o sacerdote Amazias em Betel (Am 7,10ss).

Esses profetas dizem uma mensagem nova e radical, comparando-os com Natã. Seus compromissos são bem outros, se os colocarmos ao lado dos daquele Natã que precisava de Davi.

33) Cf. H.W.Wolff, *Hauptprobleme alttestamentlicher Prophetie*, in: Theologische Bücherei 22 (1964), pág. 207-213; K.Homburg, *Introdução ao Antigo Testamento* (1975), pág. 134-137.

Apesar de todas essas diferenças, porém, parece que Natã já estava ensaiando, ainda que sem as últimas conseqüências, quando disse a Davi: "Tu és o homem"!

Desse ensaio também participamos, na procura pela tarefa da igreja. A igreja profética é um ensaio urgente e necessário em nossa situação. Aí valem as dimensões e propostas, que nos coloca a tradição bíblica. Talvez seja um tanto esquemático, mas não seria necessário, nos perguntarmos: Vamos com Natã, ligados à Davi? ou: Vamos com Miquéias, ligados aos colonos de Judá?

Para nesta pergunta, sabendo que temos que continuar na caminhada e na opção pela igreja profética de Amós e Miquéias, Oséias e Isaías. Essa caminhada, no entanto, só pode acontecer em conjunto. Se Natã sucumbiu, então talvez também por ter confiado mais em sua coragem do que em seus irmãos. Ficou sozinho diante do rei. Por isso, se interrompo aqui, então o faço na esperança pelo consolo mútuo e pela conscientização recíproca. Talvez pudéssemos retomar aquela parábola-caso, que Natã foi apresentar a Davi, contando parábolas e relatando experiências análogas.

Para início dessa tarefa, este estudo, que aqui termino, talvez seja uma possibilidade, ainda que seu resultado seja negativo: na "corte" e em suas intrigas não há grandes chances nem grandes esperanças para a igreja profética.